



EXPERIÊNCIA E SENTIDO: UM RELATO SOBRE A FORMAÇÃO EM STRICTO SENSO PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Rafael de Farias Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba – PPGFP¹
E-mail: rafaelgeografopb@yahoo.com.br

Introdução

O presente estudo é um relato de experiência que visa socializar a condição do professor, enquanto aluno do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissionalizante em Formação de Professores, oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba. Nesse contexto, o trabalho pretende evidenciar as contribuições e os desafios da formação em stricto senso, específica para professores da educação básica. As estratégias formativas dos professores do referido programa nos ajuda a pensar na história do professor, de suas memórias, e do seu engajamento, de sua socialização com os outros e de seus problemas. Com base em Charlot (2013) Gatti (2013), Arroyo (2001) e Larrosa (2002), o relato evidencia como a formação nos ajuda a desenvolver uma nova percepção de ensino e de educação, contribuindo para a construção de um novo profissional que investiga e intervém de modo a transmutar a realidade na qual ele está inserido.

Metodologia

A metodologia é de cunho qualitativo, e nessa forma de organizar a pesquisa o estudioso precisa ter a capacidade de diálogo com a realidade, ou seja, possuir a capacidade de elaborar a partir das discussões com os teóricos, uma reflexão sobre a teoria, de uni saber e mudar, no plano da prática (DEMO, 2006).

O estudo optou em realizar um relato de experiência, gênero pertencente ao domínio social da memorização e documentação das experiências humanas, por valorizar o conhecimento experiencial e enfatizar o papel importante do leitor na geração desse conhecimento (ANDRÉ, 1984). Nesse sentido, as situações que geraram este relato ocorreram no período de março a agosto de 2014, nas

¹ Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores



interações presenciais e a distância com os professores e alunos do referido programa de pós-graduação.

Resultados e Discussões

O curso *stricto sensu* no formato profissional insere o aluno em um universo que de certo modo se distancia da estrutura acadêmica. O Mestrado em Formação de Professores ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba segue a perspectiva de ensino em que a experiência está no centro da formação.

Isso porque pensar a experiência como algo carregado de sentidos é urgente, considerando o acúmulo de vivências sem sentidos oriundas das relações líquidas estabelecidas no contexto atual (LARROSA, 2002).

E nesse sentido, a autora Gatti (2013) já aponta um descompasso que existe entre a educação, escola e formação de professores, sendo um desafio dinamizar esses três elementos na sociedade contemporânea, diante das mudanças sociais em andamento.

Ainda mais, o excesso de informação anula a possibilidade de constituir experiências significativas para a formação do sujeito, e, que o sujeito da informação se torna um depósito acumulativo de fatos e dados que não se convertem em sabedoria, inserindo-o em um campo contraditório que o faz perder a percepção de sujeito construtor de sua própria história (LARROSA, 2002).

A dinâmica estabelecida pelos professores do mestrado convida o aluno a realizar uma reflexão de suas experiências, já na condição de profissional atuante, sendo esta uma das diferenças de quem estar no mestrado acadêmico. Os professores escolhem materiais de leitura que solidificam a compreensão dos fenômenos educacionais estudados e valorizam as diferentes experiências, o que oportuniza aos alunos a construção de novas percepções enquanto trabalhadores da educação.

“Ao cair o véu da inocência” percebeu-se a partir de Charlot (2013) que, ao discutir o professor na contemporaneidade, estamos evidenciando um profissional que realiza o trabalho da contradição. Nesse contexto, a autora aponta que a nova configuração socioescolar, a qual “começa a se impor um novo modelo de ingresso na vida, adulta, modelo esse que articula nível de estudos a posição profissional e

social” (CHARLOT, p. 96), entra para escola em forma de três contradições, apresentadas no **Quadro 1**:

QUADRO 1 – As três principais contradições	
Primeira	Porque, doravante, importa muito o fato de ter sido bem-sucedido na escola ou, ao contrario, fracassado, o que torna mais angustiada a relação dos alunos e dos pais com a escola e mais tensa a sua relação com os professores. A nota, o diploma medem o valor da pessoa e prenunciam o futuro do filho.
Segunda	As novas camadas sociais que ingressam na escola, em particular no último segmento do ensino fundamental, importam para o universo escolar comportamentos, atitudes, relações com a escola e com o que nela se estuda que não combinam com a tradição e até com a função da escola. Esse “novos alunos” encontram dificuldades para atender às exigências da escola no que diz respeito às aprendizagens e a disciplina.
Terceira	Os professores sofrem novas pressões sociais. Já que os resultados escolares dos alunos são importantes para as famílias e para “o futuro do país”, os professores são vigiados, criticados. Vão se multiplicando os discursos sobre a escola, mas também sobre os professores. No entanto, os salários dos professores permanecem baixos e, no Brasil, muito baixos.

Fonte: CHARLOT (2013, p.96-97).

Essa situação influencia todo processo educacional, pois exige do professor uma variedade de habilidades capaz de lidar com as novas configurações sociais, ou seja, é preciso “muita coragem diante do desânimo que tomou conta dos profissionais da educação, diante de uma longa história de fracassos da escola, e diante de um Estado falido enquanto responsável pelos serviços públicos” (ARROYO, 2001, p.12).

Além disso, observa-se que, por todas essas razões, a contradição entra na escola e desestabiliza a função docente. A sociedade tende a imputar aos próprios professores a responsabilidade dessas contradições, exigindo-os eficácia e qualidade nos processos educacionais.

Hoje em dia, o professor já não é um funcionário que deve aplicar regras predefinidas, cuja execução é controlada pela sua hierarquia; é, sim, um profissional que deve resolver os problemas. A injunção passou a ser: “faça o que quiser, mas resolva aquele problema” (CHARLOT, 2013, p.99).



E para resolver os problemas é preciso estudar e refletir para “não se fazer o que quiser”, mas o que é necessário no desenvolvimento de um o processo de aprendizagem que tenha significado aos alunos e aos professores.

Uma das alternativas dada pela formação é o professor da educação básica se tornar professor-pesquisador, ser investigador de sua própria prática educativa, isto é, pensar a escola, a sala de aula e as relações escolares como campo de pesquisa e não meramente no local onde “dou aula”.

Por meio de estratégias formativas, os professores do programa estão potencializando a autoestima e as habilidades sociais dos alunos, problematizando situações que necessitem o desenvolvimento do coletivo, de cordialidades, gentilezas e solidariedades. As dinâmicas utilizadas na sala de aula favorecem a aprendizagem compartilhada, de troca de experiências, evidenciando a pertinência de meios que contribuam na interação entre pares e acima de tudo que colabora a refletir criticamente a respeito da prática durante o andamento da formação.

Notou-se que gradativamente os alunos adquiriram a habilidade de participar de situações de leitura e escuta, e, produção oral e escrita de textos destinados à reflexão e discussão acerca dos temas propostos pelos professores, que por muitas vezes, eram distantes das nossas áreas de conhecimento.

Conseguimos produzir e compreender textos orais e escritos com finalidades voltadas para a reflexão sobre valores e comportamentos sociais, planejando e participando de situações de combate aos preconceitos e atitudes discriminatórias, dando foco à identificação das concepções de linguagem, leitura, escrita e ensino que estruturam as nossas aulas.

No final desta primeira etapa (1º semestre) notamos que não somos os mesmos profissionais e nem tão pouco as mesmas pessoas. A dimensão de movimento proposto por Heráclito, “expressão na mudança – nascer, morrer, mudar de qualidade ou de quantidade” (NETO, 1996) foi experimentado, não tendo mais volta, apenas evolução.

Conclusão

O tempo de vivência relacionado às atividades em sala de aula evidenciou dois desafios (que já estão em processo de superação). O primeiro para os



professores do programa que ao demarcar as categorias de análise precisam contemplar a heterogeneidade comum nas salas de aulas. Pois além de sermos sujeitos históricos com diferentes experiências, somos também de distintas áreas do conhecimento. O que torna o ato de ensinar mais complexo, exigindo uma postura (inter) e multidisciplinar. O segundo é para os alunos, que por sua vez, precisam desconstruir as amarras que a formação inicial (muito específica e fechada) desenvolveu ao longo da licenciatura.

A nossa evolução deu-se porque nós, alunos, somos concebidos como sujeitos inventivos e produtivos, não meros repetidores e aplicadores. Desta forma, avalia-se que o primeiro mestrado em formação de professores do país traz uma nova proposta de formação continuada, que tem como meta formar professores capazes de mudar as relações pedagógicas nos ambientes educativos.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Estudo de caso**: seu potencial na educação. São Paulo: Caderno de Pesquisa 49, p.51-54, maio 1994. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/528.pdf>> Acessado em: 12 ago. 2014.

ARROYO, M. G. **Da escola carente à escola possível**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, (Coleção docência em formação saberes pedagógicas), 2013.

DEMO, P. **Pesquisa**: Princípios científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2006.

GATTI, B. A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. Editora UFPR: **Educar em revista**, Curitiba, Brasil, n.50, p.51-67, out/dez.2013.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 20-28, jan./abr. 2002.

NETO, J. F. de M. **Heráclito**: um diálogo com o movimento. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.
